

UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE

CENTRO DE COMUNICAÇÃO E LETRAS

JORNALISMO

Flávia Fasanella Perez

Segredo de Arquivo:

**A verdade por trás dos maiores crimes brasileiros sob a visão do
Jornalismo Investigativo**

São Paulo, dezembro de 2021

Flávia Fasanella Perez

Segredo de Arquivo:

**A verdade por trás dos maiores crimes brasileiros sob a visão do
Jornalismo Investigativo**

Este Trabalho de Conclusão de Curso refere-se ao curso de Jornalismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie e conta com a orientação do prof.ms Fernando Moraes.

Este Trabalho de Conclusão de Curso não reflete a opinião da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Seu conteúdo e abordagem são de total responsabilidade de seu autor.

Resumo:

Este Trabalho de Conclusão de Curso apresenta os relatos de sete jornalistas investigativos a respeito das coberturas que realizaram durante os casos mais impactantes dos crimes que aconteceram no Brasil. O principal objetivo desta obra consiste em mostrar a importância do papel destes profissionais do jornalismo investigativo, ao auxiliarem nos desvendamentos de casos complexos e relevantes para a segurança pública do país. Através de entrevistas com cada fonte, foi possível armazenar informações e histórias extremamente cruciais àqueles que pretendem ingressar nesta área do jornalismo, pois muito é abordado sobre os riscos e medos que os repórteres têm de enfrentar diariamente em seu trabalho. A partir desta troca de experiências, este trabalho pôde ser produzido e capaz de alcançar as respostas desejadas desde o seu início.

Palavras-chave: Jornalismo; jornalismo investigativo; crime; Brasil.

Abstract:

This Course Conclusion Paper presents the reports of seven investigative journalists regarding the courage they carried out during impactful cases of the crimes that occurred in Brazil. The main reason for this work is to show the importance of the role of these investigative journalism professionals, by assisting in the unveiling of complex cases relevant to the public security of the country. Through interviews with each source, it was possible to store information and stories extremely crucial to those who intend to enter this area of journalism, because much is addressed about the risks and fears that reporters have to face daily in their work. From this exchange of experiences, this work could be produced and able to achieve the desired answers from the beginning.

Key-words: Journalism; investigative journalism; crimes; Brazil.

Sumário

1. Introdução
2. Referencial Teórico:
 - 2.1. Jornalismo Investigativo
 - 2.2. O Jornalismo Investigativo no Brasil
 - 2.3. Jornalismo Policial
 - 2.4. Atuação dos jornalistas investigativos em resoluções de crimes
 - 2.5. Livro-reportagem
 - 2.6. Jornalismo Literário
 - 2.7. Perfil
3. Desenvolvimento da peça
4. Considerações finais
5. Referências bibliográficas

Introdução

Este Trabalho de Conclusão de Curso abordará os relatos dos jornalistas investigativos durante as coberturas de casos de crimes, incluindo suas realizações dentro das apurações e experiências vividas enquanto exerciam suas funções nesta área do Jornalismo.

Em maio de 2013, o caso de Gabriel Fernandez, de oito anos, veio à público por conta de sua morte devido aos maus tratos por parte de sua mãe e seu padrasto, na cidade de Los Angeles, nos Estados Unidos. Com isso, além da ação da polícia, os jornalistas tiveram um papel essencial para a descoberta deste acontecimento, ao investigarem a situação que a família viva em sua casa, ao questionarem e entrevistarem todos os vizinhos e conhecidos do casal, além de desvendarem o fato de que os assistentes sociais e supervisores do caso estavam agindo ilegalmente perante o ocorrido.

Para tratar desse assunto, é importante mencionar alguns autores e profissionais que realizaram trabalhos relevantes sobre o Jornalismo Investigativo e suas histórias. Uma das figuras a ser citada é o autor e jornalista investigativo Caco Barcellos, pois seu papel foi de extrema importância para o desdobramento de diversos casos de injustiças que ocorreram no Brasil desde o início de sua carreira. Obras como “Rota 66”, “Abusado” e “Nicarágua: a Revolução das Crianças” são exemplos claros de atuação jornalística investigativa, nos quais tratam de resolução de ilegalidades.

Outro autor bastante consagrado e importante a ser mencionado é o escritor, professor e jornalista, Edvaldo Pereira Lima. Conhecido por escrever diversos livros em formato de grande reportagem, como “O que é livro-reportagem”, no qual ele trata dos conceitos básicos do jornalismo, mostrando de que jeito o livro-reportagem pode extrapolar as limitações da imprensa convencional.

De acordo com o artigo de Leonel Azevedo de Aguiar, “O jornalismo investigativo e seus critérios de noticiabilidade: notas introdutórias” (2006), a definição do ponto de vista ético sobre o Jornalismo Investigativo, assegura que esta área está demarcada como um esforço político da categoria profissional dos jornalistas a fim de evidenciar casos de corrupção e injustiças sociais, descrevendo esses acontecimentos em linguagem jornalística (Lage, 2004:139). Segundo Waisbord (2000), o Jornalismo Investigativo se caracteriza pela divulgação de informações, no gênero narrativo de reportagem, tratando sobre as ações das

instituições governamentais ou de empresas privadas que sejam prejudiciais ao interesse público e que afetam a sociedade.

Já que esta área do jornalismo requer compartilhamento de informações e notícias sobre os casos, segundo Waisbord, a fim de descobrirem os fatos ocultos ao público, a realização deste trabalho propõe questionar como um livro-reportagem conseguirá abordar os relatos dos jornalistas investigativos enquanto atuantes nos desvendamentos de crimes no Brasil.

A principal proposta para a realização da peça é a produção de um livro-reportagem que contará com relatos e entrevistas com profissionais do Jornalismo Investigativo que atuaram especificamente em casos de crimes, a fim de coletar suas histórias e encaixá-las em um formato no qual seja possível trabalhar com bastante detalhes, características e conteúdos. Nesta obra, será utilizada uma linguagem mais formal, entretanto, de modo que os leitores consigam compreender o que será dito de forma clara, sem vocabulário complexo.

Como objetivo principal, este trabalho pretende informar os leitores sobre as funções dos jornalistas investigativos perante a cobertura em casos de crimes e o que eles consideram fundamental para que uma boa apuração seja feita. Além disso, o trabalho possui relevância ao mostrar as situações que estes profissionais passam ao auxiliar nos desvendamentos de casos criminosos e de difícil compreensão e, ainda, quais táticas são utilizadas para cumprir esse papel e conseguirem tomar as devidas medidas para chegar ao desfecho dos casos.

Para alcançar o objetivo principal, serão realizadas entrevistas com estes profissionais, nas quais eles contarão seus relatos, experiências e histórias relacionados à suas atuações em casos criminosos e arbitrários.

A escolha deste tema se deu pelo meu interesse por resolução de crimes e como são os processos até que estes sejam solucionados. Houve um caso em específico, no qual se tornou responsável pela maior geração do meu interesse em querer trabalhar com este tema. O documentário “Caso Gabriel Fernandez”, citado anteriormente, foi o principal motivo pelo qual quis executar o trabalho sobre jornalismo investigativo em casos de crimes, já que a atuação dos jornalistas neste caso foi primordial e isso é mostrado com bastante clareza nos episódios que compõem a peça.

A escolha do livro-reportagem como peça se deu, pois acredito ser o melhor meio para inserir todos os relatos dos jornalistas investigativos, prezando pela quantidade de detalhes. Portanto, essas histórias caberão perfeitamente neste formato, principalmente porque, como um livro requer um número maior de páginas e conteúdo, menos informações terão de ser cortadas da obra, garantindo uma maior qualidade do produto. Além disso, sempre fez parte das minhas maiores vontades, desde muito jovem, escrever um livro, então fazê-lo me deixará completamente realizada e orgulhosa.

Este trabalho será inteiramente realizado a partir dos conteúdos retirados das entrevistas feitas com os jornalistas investigativos, contendo as histórias que serão relatadas durante este processo. As entrevistas acontecerão preferencialmente por telefone ou videoconferências, a fim de continuar tomando todas as precauções diante da pandemia do novo coronavírus e continuar respeitando o isolamento social.

Referencial Teórico

2.1. Jornalismo Investigativo

Lopes e Proença (2003) acreditam que o Jornalismo Investigativo é uma área da profissão na qual tem por objetivos reconstruir acontecimentos importantes, expor injustiças, desmascarar fraudes e auxiliar no desvendamento de crimes e ilegalidades.

O jornalista investigador é quem procura a informação, é quem dá os passos necessários para a obtenção dos dados que necessita para completá-la, aquele que busca, compara, não é um mero receptor de informação. É aquele que se adianta aos acontecimentos. Não espera que os fatos produzam; ele os desencadeia ou os para com sua investigação, dependendo dos fatos e do que tratam. (LOPES e PROENÇA, 2003, p. 15).

De acordo com o artigo de Mariana Galvão Noronha, “As especificidades do jornalismo investigativo: um estudo sobre o processo de produção jornalística investigativa” (2017), nesta área específica da profissão jornalística, é essencial que sejam realizadas análises bastante cautelosas das fontes, sejam elas arquivos privados ou oficiais, informações públicas e/ou fontes oficiais ou acidentais. Com isso, é possível iniciar o processo de alcançar os fatos necessários para apuração dos casos, interrogar as pessoas e, por fim, revelar a realidade dos fatos que, por um período, se mantiveram ocultos.

Para o jornalista Leonardo Sakamoto, da Repórter Brasil, em depoimento concedido ao site da Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (Abraji), Jornalismo Investigativo é o jornalismo de “precisão” que, através de pesquisa de campo, tem como objetivos trazer à tona informação de interesse público que alguém ou alguma instituição deliberadamente mantenha em sigilo.

2.2. O Jornalismo Investigativo no Brasil

Como é apontado no artigo de Livia Nogueira, “A afirmação do jornalismo investigativo no Brasil após a redemocratização” (2006), em 1987, o Jornal Folha de SP publicou uma matéria que chegou a se transformar em um marco para o jornalismo pós-regime militar. Jânio de Freitas foi o responsável por sua produção e, nela, revelou as

fraudes feitas na licitação para a construção da ferrovia Norte-Sul. Já em 1992, o jornalismo investigativo se consolidou e chegou ao seu ápice, com a perda do cargo do então Presidente da República, Fernando Collor de Mello.

Lívia ainda menciona em seu artigo, que, para Campello de Souza, a imagem da democracia após a redemocratização ocorrida no Brasil, em 1985, foi negativa, pois a imprensa começou a publicar matérias que expunham irregularidades que, no regime militar, não eram publicadas. Para a pesquisadora, “através das coberturas jornalísticas, uma ligação direta e extremamente nefasta entre a desmoralização da atual conjuntura e a substância mesma dos regimes democráticos estava sendo feita”. (SOUZA, 1985, p. 588).

Mauro Porto compartilha o pensamento de que o jornalismo investigativo entrou em vigor no Brasil a partir do momento em que a redemocratização se iniciou, além de ter se fortalecido com a Nova República.

2.3. Jornalismo Policial

O artigo de Clarissa Pippi de Medeiros, Gilson Alves e Matheus Rivé Boia Menezes, “Jornalismo investigativo e policial: os bastidores da produção jornalística de assassinatos em série e crimes que abalaram a sociedade” (2009) explica que o jornalismo policial é denominado como uma especialização do repórter em fatos criminais, judiciais, de segurança pública e em investigações policiais.

As primeiras coberturas policiais ocorreram em meados do século XIX, feitas para jornais sensacionalistas da Inglaterra e dos Estados Unidos. De acordo com o jornalista Eduardo Fuccia, a cobertura de crimes tem ganhado seu espaço nos veículos de informação de todo o mundo desde a metade da década de 1990. Ele ainda define esta área da profissão jornalística como: “um jornalismo peculiar, que este gradativo aumento deve-se a fatores como aumento da violência, globalização do crime e a sofisticação do modo de atuação dos criminosos”.

O artigo também cita o fato de que o compromisso social da reportagem policial exige bom senso do jornalista, que é caracterizado pelo confronto da relevância ou a

imprescindibilidade da informação com a sua repercussão na vida de terceiros. Sejam estes vítimas, testemunhas ou a sociedade de forma geral.

Além disso, foi observado que os trabalhos mais conhecidos deste formato jornalístico foram produzidos nos anos pós - Segunda Guerra Mundial, atingindo seu ápice entre os anos de 1955 e 1974. Nesse período, em consequência da participação dos Estados Unidos na Guerra do Vietnã, os jornalistas americanos se posicionaram contra o governo e começaram a analisar criticamente a atuação dos políticos.

Segundo o jornalista Carlos Alberto Di Franco, o jornalismo cumpre uma função social importante. Ele explica que a sociedade percebe que só o jornalismo investigativo, ancorado na liberdade de expressão e no direito à informação, acabará com a cultura do acobertamento da corrupção. (MEDEIROS; ALVES e MENEZES, 2009, p. 8).

2.4. Atuação dos jornalistas investigativos em resoluções de crimes

De acordo com o artigo realizado por Edson Dalmonte e Wanise Cabral Silva, “Os Infiltrados: Limites Legais e Éticos Da Atuação da Imprensa Investigativa no Brasil”, há uma expectativa social de que as ações da mídia sejam sempre desenvolvidas da melhor maneira, com base nas mais elevadas concepções éticas. Entretanto, existem diversos exemplos que provam o contrário, nos quais excessos são cometidos em nome da concorrência, da audiência e da espetacularização. Tais excessos se dão de modo que os jornalistas se submetem à utilização de estratégias de investigação ilícitas para alcançarem os “furos de reportagem” e os materiais exclusivos.

No Brasil, a competência para a investigação de crimes é de legitimidade das polícias civil e federal. É a lei quem determina como, quando e de que forma essas instituições, que fazem parte do corpo do Estado, poderão e deverão atuar. O chamado “Jornalismo Investigativo” vem a lume atribuindo a si a prerrogativa da investigação, não importando os métodos empregados: câmera e gravador escondidos, repórter com identidade falsa etc. Tudo isso em nome da investigação em profundidade. (DALMONTE e SILVA, 2012, p. 62).

Entretanto, determinadas práticas jornalísticas se encontram em posições entre o ilícito e o antiético. Por conta disso, toda conduta provinda dos profissionais do jornalismo deve respeitar a legalidade de modo estrito, pois sua violação pode ser tratada como crime, perante à lei. Com isso, nasce a polêmica questão sobre qual realmente é o limite da prática

jornalística investigativa, já que, aparentemente, a lei não basta para impedi-la de cometer ilegalidades. Como o jornalismo não pode ser colocado acima do ordenamento jurídico, toda estratégia contrária pode ter como resultado a quebra da confiança por parte da sociedade.

O foco de tal empreendimento não deve estar na punição, como enfatiza Schopenhauer, mas na capacidade de antecipar questões e propor sugestões, com base naquilo que se julga ser o ideal do fazer jornalístico. A despeito do inerente poder de selecionar, enquadrar e omitir, devemos esperar que o jornalismo avance para além do mero sensacionalismo, sendo capaz de reconhecer os limites legais e éticos de suas ações. (DALMONTE e SILVA, 2012, p. 71).

Entre os casos relacionados à ilegalidade perante a apuração de fatos dentro do Jornalismo Investigativo, houve um em específico que ocorreu no programa “Profissão Repórter”, da Rede Globo, que foi o caso do julgamento de Hidelbrando Pascoal, no qual o repórter da Tv Globo, Jefferson Dourado, foi preso acusado de tentativa de gravação, por meio de câmera escondida, no recinto do julgamento em 22 de setembro de 2009.

2.5. Livro-reportagem

De acordo com o artigo “O livro-reportagem e suas especificidades no campo jornalístico”, de Paula Melani Rocha e Cintia Xavier, o livro-reportagem pode ser considerado quando uma obra trata de acontecimentos ou fenômenos reais e, para sua produção, são utilizados procedimentos metodológicos inerentes ao campo do jornalismo, sem descartar as nuances literárias. A Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal em Nível Superior (Capes), considera o livro - reportagem como um campo de conhecimento dentro da área de comunicação, na qual pertence à grande área das Ciências Sociais Aplicadas.

Sponholz (2009, p. 105) discute o fato do jornalismo ser considerado um processo de conhecimento, na medida em que “obedece às mesmas regras dos processos de conhecimento em geral” na construção da realidade em um procedimento “perspectivo, seletivo e construtivo”. Desse modo, o jornalismo se torna uma forma de conhecimento marcada por aspectos subjetivos, mesmo mantendo uma correlação entre o mundo exterior ou realidade primária e a realidade midiática.

Outro fator fundamental para o desenvolvimento de um livro-reportagem é a escolha das fontes que serão utilizadas na obra. Rodriguez (1994) indica alguns procedimentos

essenciais a fim de estabelecer o contato com as fontes, por ordem de importância. Por exemplo, sondar antes as fontes secundárias, por último as primárias, e de crítica, consultar antes as fontes desfavoráveis, em seguida as técnicas e neutras e por fim, as favoráveis.

2.6. Jornalismo literário

A definição de Jornalismo Literário, através da visão de Gustavo Castro, em seu artigo “Jornalismo Literário: uma introdução” (2010), é a conjunção de conhecimentos, saberes, técnicas e estilos narrativos desenvolvidos pela literatura que podem (e devem) estar a serviço das rotinas de produção jornalística. Além disso, algo que entra em discussão a respeito do jornalismo literário, é a própria noção de informação que amplia o seu espectro, deixando de ser matematizada (o máximo de informação no mínimo espaço) para ser multifocal e complexa (possibilidades múltiplas; diversidade na unidade e economia da informação unida à beleza da expressão).

De acordo com o artigo de Felipe Pena, “O jornalismo literário como gênero e conceito” (2006), o jornalismo literário não ignora o que foi aprendido no jornalismo contemporâneo, especificamente a periodicidade e a atualidade. Neste formato, não é necessário se preocupar com a novidade, ou seja, com o desejo do leitor em consumir os fatos que aconteceram no espaço de tempo mais imediato possível. Seu dever, então, é ultrapassar esses limites e proporcionar uma visão ampla da realidade.

2.7. Perfil

De acordo com o artigo de Amanda Tenório Pontes da Silva, “A vida cotidiana no relato humanizado do perfil jornalístico” (2010), o formato jornalístico ganhou influência a partir da década de 1930, com as publicações norte-americanas “Esquire”, “Vanity Fair”, “Life” e “The New Yorker”. Já no Brasil, as revistas “O Cruzeiro” e “Realidade” investiram no perfil. Nesta última, era comum para o jornalista ter de acompanhar durante semanas a vida da figura a ser perfilada. Nos veículos atuais que utilizam deste método, está a revista “Veja”, que, desde 1968 até hoje, dá bastante destaque aos indivíduos cuja história normalmente esteja ligada a um fato ou polêmica do cotidiano.

No livro “Entrevista: o diálogo possível”, de Cremilda Medina (2002), é abordado o fato de que se quisermos aplacar a consciência profissional no jornalista, a técnica da entrevista deve ser discutida, entretanto, se quisermos trabalhar pela comunicação humana, devemos propor o uso do diálogo.

Amanda Tenório, em seu artigo “O perfil jornalístico: possibilidades e enfrentamentos no jornalismo impresso brasileiro” (2009), ainda explica que, dentro da profissão jornalística, as narrativas tendem a ser naturalmente híbridas e estão inseridas em todos os gêneros a partir do momento que o autor descreve uma história: quem são os personagens, qual é o ambiente, que mudanças ocorreram e quais conflitos fizeram parte dela. Ou seja, acaba sendo necessário sempre ficar atento ao posicionamento dos atores sociais, assim como nas dimensões éticas e estéticas ao longo do seu corpo e, mais precisamente, no seu desfecho.

Muniz Sodré e Maria Helena Ferrari, em seu livro “Técnica de Reportagem” (1986), destacam que, para elas, existe o perfil, texto no qual enfoca a protagonista de uma história, e o mini perfil, quando uma personagem secundária tem a sua vida narrada a partir de um corte na história principal. Elas ainda destacam que a entrevista se tornou uma etapa fundamental na elaboração dos perfis, pois, através dela, foi possível angariar o espaço necessário para o jornalista buscar a devida aproximação com seu entrevistado e, desse modo, realizar sua narração.

De acordo com o livro “Teoria semiótica do texto”, de Diana Barros:

a síntese narrativa deve ser pensada como um espetáculo que simula o fazer do homem que transforma o mundo. Para entender a organização narrativa de um texto, é preciso, portanto, descrever o espetáculo, determinar seus participantes e o papel que representam na historinha simulada (1994, p.16).

3. Desenvolvimento da peça

Para iniciar o desenvolvimento da peça, foi essencial realizar diversas pesquisas e coleta de dados e informações referentes ao tema principal, a fim de compreender melhor o assunto que será tratado durante a execução deste trabalho. Além disso, a procura pelas fontes a serem entrevistadas, com o objetivo de servirem de perfil para a composição de cada capítulo do livro - reportagem, é fundamental.

Através da realização de pesquisas sobre os casos mais famosos de crimes ocorridos no Brasil, foi possível encontrar os jornalistas que apuraram e cobriram esses casos, e seus respectivos contatos. Além disso, descobri mais fontes através da indicação de professores e colegas que possuem conhecimento na área.

Após as pesquisas feitas a fim de conseguir contatar as fontes, foi possível marcar, na mesma semana, duas entrevistas com jornalistas investigativas que já atuaram e estão atuando em casos criminosos: a repórter investigativa especializada em crimes políticos, Marina Lang, da revista Veja, e Paolla Serra, que atua no jornal O Globo.

A primeira fonte a ser entrevistada foi Marina Lang. Durante nossa conversa, realizada por telefone, foram relatadas diversas histórias e experiências vividas pela jornalista, compondo uma entrevista extensa e completa. Ela contou suas vivências e o que realizou nos três casos mais emblemáticos que já cobriu durante sua carreira: o caso do menino Henry, assassinado, aos quatro anos, pela mãe e pelo padrasto; o caso Marielle, vereadora do Rio de Janeiro, assassinada no ano de 2018; e o caso Flordelis, mandante da morte do próprio marido.

Logo em seguida, entrei em contato com Paolla Serra e realizamos uma entrevista em que ela abordou diversas questões importantes para o entendimento do que é o jornalismo investigativo e contou sua experiência na cobertura do caso Henry, em que está completamente imersa.

Pretendo obter como próximas fontes a repórter Bruna Fanti, que atua como jornalista investigativa de crimes na cidade do Rio de Janeiro; Leslie Leitão e Arthur Guimarães, repórteres investigativos da Rede Globo, indicados por Paolla, durante nossa entrevista.

Após contatar a jornalista Bruna Fanti e aguardar para que encontrasse um espaço livre em sua agenda, a fim de que a entrevista fosse marcada e realizada, a conversa foi feita com facilidade e histórias muito fascinantes foram abordadas.

A partir do momento em que três entrevistas já haviam sido realizadas e, com isso, gerando conteúdo suficiente para que fosse possível iniciar o processo de escrita do livro-reportagem, o primeiro capítulo começou a ser desenvolvido. Porém, outros jornalistas investigativos foram contatados, mas não retornaram, então a procura por fontes continuou em andamento.

Depois de algumas semanas, entrei em contato com o jornalista Bruno Ribeiro, que trabalha no jornal O Estado de São Paulo, e me concedeu uma longa entrevista também por telefone. Em questão de dois meses, consegui realizar a quantidade suficiente de entrevistas para complementar a produção do livro-reportagem.

Ao todo, sete jornalistas investigativos compartilharam seus depoimentos e histórias a respeito de suas experiências dentro da cobertura investigativa. Foram eles Paolla Serra, do jornal O Globo, Marina Lang, da revista Veja, Bruno Ribeiro e Márcio Dolzan, do jornal O Estado de São Paulo, Artur Rodrigues, da BBC, Felipe Souza e a repórter Bruna Fanti.

Considerações finais:

Ao chegar no fim deste trabalho, foi possível estabelecer diversos aprendizados a respeito da área do jornalismo investigativo e policial e o modo de cobertura dentro de casos de crimes. A partir das entrevistas realizadas com profissionais do ramo, foi adquirido um conhecimento mais abrangente referente à importância do trabalho jornalístico, além de um reconhecimento maior às situações de risco que os jornalistas investigativos têm de enfrentar para executar boas coberturas.

O jornalismo investigativo e policial é considerada uma área do jornalismo, segundo as fontes entrevistadas, com um certo grau de periculosidade, porém, apenas se o jornalista se permite ingressar nestas situações. Com isso, foi possível concluir que, apesar das dificuldades a serem encaradas nesta profissão, ela acaba se tornando essencial para a construção de matérias investigativas e para a realização de denúncias de situações injustas que acontecem praticamente todos os dias no Brasil. Na peça, muito foi mencionado a respeito das operações policiais que acontecem nas favelas mais precárias e perigosas do país, sendo assim, alvo de diversos casos de execuções em jovens e pessoas inocentes.

O principal objetivo da produção de um livro-reportagem se deu, principalmente, pelo fato de ter sido alcançado um sonho de infância, considerando que, desde criança, sempre acreditei que escreveria um livro quando me tornasse adulta. Além disso, muito foi usado como inspiração o modo de conseguir se expressar através das palavras e tentar mudar a perspectiva dos leitores através dos textos.

No início do projeto, muito havia entrado em questionamento se seria possível construir um livro-reportagem a partir dos relatos dos jornalistas investigativos sobre suas experiências na profissão, pois acreditava-se que não haveria conteúdo o suficiente a fim de produzir uma obra que requer um número maior de páginas. Entretanto, a partir do momento em que as entrevistas foram sendo realizadas e tendo um bom retorno, acreditou-se que o formato seria ideal para a ideia inicial deste trabalho.

Apesar de a produção da peça ter sido realizada sem muitos obstáculos a serem enfrentados, o maior deles se deu por conta da insegurança durante a procura das fontes e suas disponibilidades para concedê-las. Porém, considerando que todo o trabalho foi se

desenvolvendo significativamente com meses de antecedência, a quantidade de entrevistados acabou alcançando o intuito inicial pensado para este projeto.

Ao todo, foram contatados sete jornalistas investigativos que revelaram as experiências mais impactantes de suas carreiras. Desde as dificuldades presentes na cobertura do caso do menino Henry, de apenas quatro anos, morto pelo padrasto, Dr. Jairinho, até a complexidade da apuração do caso Marielle, foram abordados no livro-reportagem, gerando, desse modo, um grande interesse para os leitores.

Aos que se consideram grandes interessados na atuação dos jornalistas em casos de crime, a peça produzida neste Trabalho de Conclusão de Curso teve como principal função esclarecer e entregar mais conhecimento a respeito do papel dos jornalistas dentro de situações perigosas e arriscadas, servindo também como um guia para os profissionais que pretendem seguir nesta área do jornalismo futuramente.

A finalização deste trabalho serviu para adquirir melhor conhecimento sobre a execução dos jornalistas investigativos em seus cotidianos. O processo das entrevistas realizadas durante todo o período foi essencial para o desenvolvimento da prática dentro da profissão, além de absorver ainda mais experiência para ingressar na área.

Com relatos impressionantes, foi possível entender com mais clareza as etapas que compõem uma investigação jornalística, as suas relevâncias e, principalmente, como lidar com o aspecto emocional diante de situações delicadas e chocantes.

Referências bibliográficas:

- AGUIAR, Leonel Azevedo de. **O jornalismo investigativo e seus critérios de noticiabilidade: notas introdutórias**. 2006. 7 v. Tese (Doutorado) - Curso de Jornalismo, Pontifícia Universidade Católica Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.
Disponível em:
http://revistaalceu-acervo.com.puc-rio.br/media/alceu_n13_Aguiar.pdf. Acesso em: 08 mar. 2021.
- Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (ABRAJI). **Jornalismo Investigativo - definições de associados e seguidores**. 2012. Disponível em:
<https://abraji.org.br/noticias/jornalismo-investigativo-definicoes-de-associados-e-seguidores>. Acesso em: 02 abr. 2021.
- BARROS, Diana Luz Pessoa de. **Teoria semiótica do texto**. 4. ed. São Paulo: Ática, 1999. 96 p.
- CASTRO, Gustavo. **Jornalismo literário - uma introdução**. Brasília: Casa das Musas, 2010. 88 p.
- DALMONTE, Edson; SILVA, Wanise Cabral. **Os infiltrados: limites legais e éticos da atuação da "imprensa investigativa no Brasil"**. 2012. 13 v. Tese (Doutorado) - Curso de Direito, Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2012.
Disponível em:
<https://periodicos.uff.br/confluencias/article/download/34371/19772>. Acesso em: 15 mar. 2021.
- LOPES, Dirceu Fernandes *et al.* Jornalismo Investigativo. In: LOPES, Dirceu Fernandes; PROENÇA, José Luiz. **Jornalismo Investigativo**. São Paulo: Publischer Brasil, 2003. p. 15.
- MEDEIROS, Clarissa Pippi de; ALVES, Gilson; MENEZES, Matheus Riué Boia. **Jornalismo investigativo e policial: os bastidores da produção jornalística de assassinatos em série e crimes que abalaram a sociedade**. 2009. 10 f. TCC (Graduação) - Curso de Jornalismo, Centro Universitário Franciscano, São Paulo, 2009. Disponível em:
<https://www.revistas.usp.br/anagrama/article/download/35421/38140/41712>. Acesso em: 15 mar. 2021.

- NOGUEIRA, Livia. **A firmação do jornalismo investigativo no Brasil após a redemocratização**. 2006. 20 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Comunicação Social - Jornalismo, Centro Universitário de Brasília, Brasília, 2006. Disponível em:
https://repositorio.uniceub.br/jspui/bitstream/235/10996/1/20314424.pdf?fbclid=IwAR0-CPGbfRgbOGcckRrfgaImab3-qWKyJlpg_S017283m-jwIqMnBdwjeTQ. Acesso em: 05 jun. 2021.
- NORONHA, Mariana Galvão. **As especificidades do jornalismo investigativo: um estudo sobre o processo de produção jornalística investigativa**. 2017. 214 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Jornalismo, Programa de Pós-Graduação em Jornalismo na Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2017. Disponível em:
<https://tede2.uepg.br/jspui/bitstream/prefix/64/1/Mariana%20Galvao%20Noronha.pdf>. Acesso em: 05 jun. 2021.
- MEDEIROS, Clarissa Pippi de; ALVES, Gilson; MENEZES, Matheus Riué Boia. **Jornalismo investigativo e policial: os bastidores da produção jornalística de assassinatos em série e crimes que abalaram a sociedade**. 2009. 10 f. TCC (Graduação) - Curso de Jornalismo, Centro Universitário Franciscano, São Paulo, 2009. Disponível em:
<https://www.revistas.usp.br/anagrama/article/download/35421/38140/41712>. Acesso em: 15 mar. 2021.
- MEDINA, Cremilda de Araújo. **Entrevista: o diálogo possível**. São Paulo: Ática, 1986. 96 p.
- PENA, Felipe. **O jornalismo literário como gênero e conceito**. 2006. 15 f. Tese (Doutorado) - Curso de Jornalismo, Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2006. Disponível em:
<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/77311256385591019479200175658222289602.pdf>. Acesso em: 07 jun. 2021.
- ROCHA, Paula Melani; XAVIER, Cintia. **O livro-reportagem e suas especificidades no campo jornalístico**. 2013. 7 v. Dissertação (Mestrado) - Curso de Jornalismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. Disponível em:
<https://www.revistas.usp.br/Rumores/article/view/69434/72014>. Acesso em: 07 jun. 2021.

- SILVA, Amanda Tenório Pontes da. **A vida cotidiana no relato humanizado do perfil jornalístico**. 2010. 7 v. Dissertação (Mestrado) - Curso de Jornalismo, Universidade Federal da Paraíba, Paraíba, 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/download/1984-6924.2010v7n2p403/14470/0>. Acesso em: 07 jun. 2021.
- SILVA, Amanda Tenório Pontes da. **O perfil jornalístico: possibilidades e enfrentamentos no jornalismo impresso brasileiro**. 2009. 10 v. TCC (Graduação) - Curso de Jornalismo, Universidade Federal da Paraíba, Paraíba, 2009. Disponível em:
https://www.academia.edu/5758853/O_perfil_jornal%C3%ADstico_possibilidades_e_enfrentamentos_no_jornalismo_impresso_brasileiro. Acesso em: 07 jun. 2021.
- SODRÉ, Muniz; FERRARI, Maria Helena. **Técnica de reportagem**. 6. ed. São Paulo: Summus, 1986. 144 p.